

# CAPÍTULO 1

## O CHEIRO DO SUCESSO: PERFUME, BELEZA, SUOR, PETRÓLEO

Este capítulo começa com uma experiência olfativa antes de se voltar para um ensaio analítico sobre aroma e fedor na Angola contemporânea.

### LEIA COM SEU NARIZ

Bem-vindo a Lobito. Conforme a via de piche recém-construída alcança a entrada da cidade, há uma parede pintada com um mural. A parede recende a lama, lixo, urina e sal. Tudo em Lobito tem o leve odor de sal, uma vez que está localizada à beira-mar em uma cama de cloreto de sódio.

Há também um cheiro fraco de plástico quente deixado ao sol vindo da sinalização colocada para marcar a contagem regressiva para o aniversário de cem anos da cidade em 2013. Ela não funciona mais, exceto pela faixa de luz piscante a meio caminho do chão, uma indicação precoce, ao adentrar a cidade, se há ou não eletricidade.

Seguindo nosso caminho, nós passamos pelo porto, onde o maquinário para as plataformas de petróleo que bombeiam a economia é fabricado e que sempre cheiram a óleo e a fumaça de escapamento dos caminhões que carregam equipamentos para dentro e para fora. Nossos narizes entopem com a poeira do cimento e não podemos evitar a tosse.

Ao longo da estrada principal está a rotatória *Africano*, marcada por uma estátua de concreto rosa do símbolo da cidade: o flamingo. Micro-ônibus azuis e brancos chamados *candongueiros* transportam pessoas entre a cidade formal, próxima ao mar, e as colinas acima dela, onde as construções são aleatórias e as mansões inclinam-se sobre casas de folhas de ferro ondulado e tijolos de concreto com gesso fino.

Dentro dos *candongueiros*, as geografias do movimento humano se misturam em um ensopado fétido criado por corpos compactados uns ao lado dos outros. Táticas sutis de batalha são empregadas por muitos no esforço de evitar ser colocado ao lado do quase inevitável balde plástico de peixe fresco (ou não tão fresco assim).

Na zona mais alta da cidade, um enorme elefante de concreto com uma tromba que funciona como um escorregador oferece sombra aos pedestres, aos mototáxis e às crianças sorridentes que correm como formigas por suas costas.

Aqui, a respiração da cidade sobe às manhãs e noites, quando cozinha-se em casa e cem mil bobinas antimosquito repelem a ameaça sempre presente da malária. Os vizinhos descansam juntos bebendo cerveja, comendo funge<sup>40</sup> e frango temperado com amendoim.

A poeira obstrui as narinas com o cheiro da terra desidratada. Ela está em todo lugar: novas escolas sendo construídas, andar por andar, além de novas casas. Cada saco de cimento lançado ao chão deixa uma nuvem no ar a ser inalada. No centro da cidade, trabalhadores reabastecem seus corpos no mágico restaurante do Aurea, onde o odor do açúcar permanece no ar a quarteirões de distância. Durante a guerra, o homem velho e branco nunca parou de assar bolos. Isso foi considerado um ato de heroísmo cívico. Dizem-nos que ele “é mais angolano que os angolanos” aos olhos da população da cidade, e Portugal é uma nota de rodapé em sua história.

Agora, para o mercado, onde está o cheiro de roupas velhas, lama e suor dos vendedores sentados sob o sol, de carne e vegetais fermentando, de camadas de comércio global sobrepondo-se: óleo de palma e atum enlatado de Jacarta, eletrônicos de Guangzhou, partes de motor de Déli – todos cheiram a metal quente. Mais pungentes são os odores de abacaxis e cabras. Camisetas “Kony 2012”<sup>41</sup> penduradas em um varal como bandeiras que reconhecem a derrota: benevolência dos Estados Unidos, a venda em um mercado aberto por uma pechincha; e notas úmidas de kwanza retiradas de bolsos próximos à pele entregam o odor sutil de centenas de pontas de dedos, e dezenas de palmas.

Seguindo um fio de doçura acre, nos encontramos na seção de higiene pessoal. Caixas de perfume competem pela nossa atenção, carimbadas com “made in China” ou, pelo dobro do preço, “produto dos Emirados”. Todos ao nosso redor estão

---

40 Funge é o carboidrato básico de Angola. É preparado a partir de uma farinha branca densa feita de mandioca que pode ser cozida em uma variedade de texturas, a depender de qual refeição se está preparando.

41 “Kony 2012” foi o título de um documentário controverso lançado pela ONG estadunidense *Invisible Children Inc.*, em março de 2012, que rapidamente tornou-se viral. Sua intenção era restringir as ações do Lords’ Resistance Army em Uganda, liderado por Joseph Kony, por meio de sua captura. O filme estimulou grupos de jovens ao redor dos Estados Unidos à ação cívica, mas isso se provou ser uma mobilização de vida curta. A presença da camiseta em Angola em 2014 é um testemunho de quão rápidas as manias surgem e decaem.

embebidos, e aqui o cheiro que fica ferroa um pouco e, potencialmente, queima a pele, mas é doce, intenso e pungente.

Nós saímos e passamos por Lino em nosso caminho. Curvado sobre uma máquina de costura impulsionada por pedais, ele costura vestidos em um abrigo improvisado às margens da rodovia. Aos vinte e oito anos, sua reputação no mundo do *design* o precede mesmo no Brasil. Sua cabine cheira a pano com estampa de cera recém-cortado.

Embora pareça estar a um mundo de distância, caminhando estrada acima está a loja da Aimé. Ela vai a Nova York todo ano, além de Lisboa e São Paulo, para comprar roupas para clientes especiais, transportando os bens em malas reforçadas, cuidadosamente trancadas. Em minha cabeça, sua loja cheira a incenso e mirra (embora eu não saiba como é realmente o cheiro destas coisas), é algo sobrenatural. Isso inclui um armário de perfumes: franceses e norte-americanos, além de xampus especiais para bebês e estamparia da Disney para cortes infantis. Os preços são todos em dólares estadunidenses. Ela me diz que dólares, mantidos em gavetas trancadas, recendem ao frescor – para mim, eles cheiram a papel.

Aimé dirige um Honda branco, importado para Angola no último ano. O plástico ainda cobre os assentos a fim de preservar o cheiro de carro novo por mais tempo. Ela mora com seu marido e seus filhos em uma casa com uma varanda aberta e um abacateiro no jardim; as frutas fazem tudo ter um cheiro verdejante, exuberante e viçoso.

Agora estamos novamente na artéria de concreto da cidade. Aqui, flamingos empoeirados sonham com o mangue que costumava cobrir este lugar. Sua população foi reduzida a um décimo do original, mas, no último minuto, a mais nova filial do Rotary Club lançou uma campanha para salvá-los. Tomando pelo local onde moram, eles cheiram a lixo emplumado e peixe (eu acho).

Aqui fica a velha fábrica de whisky que ainda produz bebida alcoólica pirata, ali fica a academia onde o odor é de suor intencional. O suor da academia distingue-se do suor do trabalho – seria pelo resultado da mistura com o elastano, e não pela fricção contra um grosso tecido usado como proteção contra o sol? Seria o suor abastecido por Powerade diferente do suor abastecido por água açucarada, ou seria o espaço que condiciona a forma como meu nariz os percebe?

Logo ali fica o rio Catumbela, jorrando em direção à costa. Ele foi o canal de transporte de centenas de milhares de pessoas escravizadas que eram levadas daqui ao Brasil. Ele passa pelo antigo mercado de escravos. Poucas pessoas recordam o que essas estruturas costumavam testemunhar, embora os sensitivos possam dizer que elas, às vezes, exalam o fedor nauseante da história ensanguentada. De toda forma, ele está agora amplamente dominado pelo cheiro de óleo velho e quente vindo da fritura de salgadinhos no drive-thru recém-inaugurado.

O odor de óleo velho e quente dos salgadinhos em fritura vem do óleo de girasol aquecido. Ausente em todos esses odores está o do novo ouro negro que substituiu humanos, café, açúcar e algodão como fonte de renda extrativista. O petróleo flui da costa em plataformas que nunca vêm à terra firme, e sua presença somente é percebida na gasolina de baixo custo que se derrama, vermelha, para dentro dos carros daqueles que entopem as vias.

No apartamento alugado de Daniella, a atmosfera é de trabalho e mobília coberta de retardante de chamas. Suas memórias da vida são marcadas por sua coleção de perfumes. Ela está construindo sua própria casa em um bairro do subúrbio, também em construção, chamado Graça, que recende a tijolos, cimento e tinta, marcado pela infraestrutura recém-chegada.

A infraestrutura também tem cheiro: supermercados, com seus curiosos cheiros de embalagens, misturadas com vegetais, misturados com produtos de limpeza, filtrados pelo ar-condicionado e tecnologia de refrigeração, cujos cheiros são simultaneamente iguais e diferentes ao redor do mundo.

Estradas asfaltadas são desfraldadas, pontes de metal são soldadas e revestidas com acetato de polivinila. Novas fantasias são construídas ao longo de relíquias decadentes do passado. Com frequência, essas fantasias têm cheiro semelhante ao vidro. Banners colados às árvores e aos muros dizem que estamos crescendo, e crescendo em paz. Eles nos convidam, com todos nossos sentidos, a adentrar o sonho do futuro e a focar nisso, não no passado que repousa, despedaçado, a nossa volta.

E o futuro tem um cheiro bom: são mangas ao lado de iPhones no carnaval, é a grama recém-cortada nos jardins bem cuidados das universidades, é o vento do mar carregando o aroma de um café expresso quente e peixe fresco grelhado. É conhecer o cheiro do *duty-free*, que se situa na fronteira do que é conhecido, possuído e desejado.

## CONDICIONANDO O AR: ESPAÇO E CONTROLE

Normalmente, nós não pensamos no ar, apenas o respiramos. Tendemos a percebê-lo apenas se ele fica muito quente, ou muito frio, ou se algo está *errado* e, então, nós nos preocupamos. A maior parte das pessoas que estão lendo este livro pode nunca ter pensado sobre o ar antes: por que se preocupar? É o vazio invisível que nos dá vida e, certamente, se há algo que podemos tomar como certo no mundo, é o ar.

A metodologia antropológica é baseada no que chamamos de “observação participante”. Isso é, ao mesmo tempo, simples e complexo. Nós participamos da vida

cotidiana que nos rodeia, e a observamos. Combinamos presença, empatia e curiosidade com disciplina e comprometimento com a verdade. Usamos nossos corpos como instrumentos de pesquisa com os quais nós iremos conhecer o mundo, usando todos os nossos sentidos e habilidades para ganhar confiança e estabelecer conexões, para ponderar e remontar o mundo a nossa volta e para tecer, a partir de nossas experiências, o tipo de texto que você está lendo agora. Nós ocupamos espaço. Nós respiramos.

Antropólogos, bem como outros cientistas sociais, estão longe de serem neutros. Reconhecemos que nossa presença por si só é suficiente para mudar a realidade. Ainda assim, raramente (ao menos em livros sobre metodologia) nosso próprio cheiro é abordado.<sup>42</sup> Talvez isso ocorra porque os sistemas de conhecimento nos quais trabalhamos emergiram, em sua maioria, durante a Era Vitoriana, quando discussões sobre funções corporais eram consideradas indelicadas. Talvez porque, na epistemologia mais abrangente da branquitude (de onde muitas dessas disciplinas originalmente emergiram), uma presunção embutida era a de que pessoas brancas não tinham cheiro, mas as não brancas, sim. Aqueles interessados neste ponto podem achar proveitoso o livro *How race is made: slavery, segregation and the senses*, de Mark M. Smith.<sup>43</sup> Quaisquer que sejam as razões, poucas pessoas negariam que as fragrâncias são frequentemente a chave para nossas memórias mais profundas, e por meio dos cheiros de outras pessoas nós fazemos julgamentos rápidos que informam confiança, atração ou medo.<sup>44</sup>

Durante meu trabalho de campo, não tive escolha a não ser me engajar com fragrâncias quando comecei a lecionar música na escola primária particular, que, neste livro, chamo de Escola das Estrelas. A Escola das Estrelas foi fundada por um casal de empreendedores de Lobito que não queriam que sua garotinha, Catarina, tivesse que estudar longe da cidade. Até o fim da guerra civil, famílias com posses mandavam suas crianças para estudarem no exterior a partir dos seis anos de idade, enquanto o resto fazia como podia no tenso sistema nacional, que era gratuito, mas com padrões de ensino altamente variáveis.

O Sr. e a Dra. Diego tinham dinheiro para mandar Catarina para Portugal, mas escolheram não fazê-lo, uma vez que seu nascimento coincidiu com a chegada da paz ao país, e eles sentiram que era tempo de mudança. Ao invés disso, eles fundaram uma escola em sua sala de estar, que, por volta de 2014, havia angariado

---

42 Uma atenção crescente tem sido direcionada ao cheiro como um aspecto importante da pesquisa antropológica. Algumas das produções acadêmicas encontram-se listadas na seção Sugestões de leitura, mas entre os autores também figuram Antonius Robben, Paul Stoller, Cheryl Olkes, Michael Herzfeld, Constance Classen, Anna Tsing e Lalaie Ameerai, entre tantos outros.

43 Smith (2006).

44 Classen (1992), Classen, Howes e Synnott (1994).

centenas de crianças entre dois e dezessete anos. É claro que, a esta altura, eles já haviam se mudado para um grande edifício próprio no centro da cidade, e, quando retornei em 2018, era uma das poucas escolas particulares que ainda prosperavam – eles haviam acabado de construir uma nova piscina.

A Escola das Estrelas oferecia uma alternativa às duas opções previamente existentes: a educação fornecida pelo governo angolano ou a educação fornecida por instituições religiosas, e, entre 2013 e 2014, essas opções dominavam o mercado de ensino privado. Os professores eram majoritariamente portugueses à época e prometiam educação “de qualidade” com um “currículo angolano” para que as crianças pudessem, nas palavras do diretor da escola, ter “o melhor de dois mundos” (Entrevista nº 61). O senhor Diego e eu havíamos nos conhecido ao acaso por meio de um amigo em comum, e quando ele soube que eu tinha formação clássica em música, me ofereceu um emprego de imediato.

O acordo era simples: eu trabalhava na escola como professora de música por um salário mínimo, ensinando alunos entre cinco e treze anos como tocar flauta doce e ler partituras. Em troca, eu conheceria seus pais e, depois de garantir o devido consentimento, poderia entrevistá-los buscando saber sobre seus contextos, estilos de vida, aspirações e experiências em Lobito. Não entrevistei os alunos, nem os tornei parte dos meus estudos enquanto indivíduos, mas é óbvio que conhecê-los informou minha compreensão da classe média emergente de maneira mais ampla. Ao invés de andar pela cidade em minha moto com meu capacete de astronauta como uma estranha, adquiri legibilidade, dignidade e um papel social com meu jaleco de professora (branco, como os de laboratório).

Quando anunciei entusiasticamente o emprego para minha amiga Victoria, alguém a quem os leitores irão conhecer bem nas páginas seguintes, ela foi solidária, mas também demonstrou uma leve preocupação. Como uma jovem profissional em ascensão social, nascida e criada como lubitanga (gentílico de Lobito), Victoria era infinitamente mais sensível às expectativas sociais do que eu jamais poderia ser. Sua resposta era para me avisar que, se eu fosse aceitar o emprego na Escola das Estrelas, uma das primeiras coisas que eu precisaria fazer era comprar perfume (Registro de campo 131121).

Logo após essa discussão, Victoria e uma colega da escola me levaram à loja da Aimé (descrita acima), que era próxima à escola. Lá, eu, um pouco relutante, troquei US\$ 150 por um recipiente com formato de maçã do perfume *Nina*, da Nina Ricci, que a sabedoria coletiva havia concluído ser o aroma mais apropriado para eu usar. Disseram-me gentil, firme e repetidamente que, se eu quisesse lecionar em uma escola particular em Angola, deveria ter o cheiro certo. E “certo”, neste caso, significava que eu precisava ter o cheiro de um perfume importado – francês ou

estadunidense – que permitisse que os estudantes confiassem que o conhecimento que estava comunicando-lhes era, de fato, “de qualidade”.

Escrevendo sobre o ar notoriamente poluído de Hong Kong, o antropólogo estadunidense Timothy Choy<sup>45</sup> questiona: “como os *espaços aéreos* de Hong Kong são distribuídos?”. Ele prossegue: “Quem pode ocupar aqueles [espaços] com o ar mais limpo? Quem respira a rua? Quem respira as montanhas? Quem respira o oceano? Quem respira as moscas?”, ou como a atmosfera – seja em seu sentido literal ou poético – é compreendida e experimentada. De maneira importante, ele reconhece que, mesmo dentro do espaço de uma mesma cidade, a atmosfera não é a mesma, mas diferenciada, de acordo com os poderes sociais, políticos e econômicos.

Em Lobito, em 2014, algumas criancinhas iam à escola e respiravam o aroma de um perfume Nina Ricci durante suas aulas de flauta doce em salas com ar-condicionado, lousas digitais e internet sem fio. A maior parte, entretanto, carregava latas ou cadeiras de plástico para espaços superlotados, onde a mobília fornecida pelo governo nem começava a atender as necessidades do número de alunos, e frequentemente as crianças eram mandadas para casa em razão da falta de espaço (Entrevista nº 78). As normas de higiene e de apresentação pessoal eram fastidiosamente mantidas e socialmente reforçadas, mas as temperaturas médias no litoral angolano orbitavam em torno de 27 °C, e as pessoas amontoadas cheiravam distintamente a humanidade.

Cingapura tem um clima similar ao de Angola, e seu primeiro-ministro fundador, Lee Kuan Yew,<sup>46</sup> alegou que o ar-condicionado era a mais importante invenção do século XX. Cheiros são transmitidos de maneira diferente em ambientes quentes em comparação aos frios, e o ar-condicionado diminui a necessidade do corpo se autorregular por meio da transpiração, limitando os “odores concorrentes” que poderiam se intrometer. Estar em um ambiente com ar-condicionado, seja em uma escola, um carro, um escritório ou em um espaço recreativo, era ser capaz de controlar em grande medida tanto seu próprio cheiro quanto os odores dos outros. O ar-condicionado permitia níveis mais altos de certos tipos de produtividade e mantinha mosquitos (e, com eles, a malária) relativamente distantes.

Poderia se argumentar que o ar-condicionado possibilitava a criação do que pode ser imaginado como uma “tela em branco olfativa” – um tipo de espaço neutro no qual era possível criar um sentido muito literal de si mesmo. Aqueles que eram pobres<sup>47</sup> tinham pouca habilidade de exercer esse tipo de controle fora de

45 Choy (2011, p. 38, grifo meu).

46 Lee (2015).

47 Eu uso o termo “pobre” aqui como um contraste de senso comum em relação a “rico”. Na primeira versão deste livro, eu usei a expressão “economicamente marginais” – mas meus alunos odiaram-na. Eles me perguntaram o que eu estava tentando fazer ao esconder as realidades da vida atrás das linguagens acadêmicas

suas casas. Os odores dos outros e do ambiente misturavam-se aos seus, e não era possível saber, por exemplo, quem mais iria embarcar em um dado *candongueiro*. Para demonstrar o que esse controle *poderia* parecer, vale a pena considerar as experiências de uma mulher que chamo de Flávia.

Flávia era uma estudante angolana de pós-graduação bem-sucedida que estava se especializando em ginecologia em uma prestigiada universidade brasileira. Nos encontramos em uma academia na Lapa, um bairro movimentado do centro do Rio de Janeiro. Algum tempo depois do início de nossa amizade, conversamos sobre como eu a havia identificado como angolana – algo sobre o qual ela estivera curiosa. Havia me aproximado dela no vestiário, quando estávamos trocando de roupa, e disse algo como: “me perdoe a indiscrição, mas ouvi seu sotaque e me perguntei se você era de Angola? Eu sou sul-africana, e sinto muita falta de conviver com outros africanos”. Tudo aquilo era verdade, mas o sotaque, na verdade, não foi o mais importante. Eu havia apenas triangulado cuidadosamente minha intuição – um ponto que prontamente admiti para ela quando finalmente falamos sobre isso.

“Eu soube que você era angolana”, expliquei para Flávia, “em parte por causa da bolsa rosa, que é exatamente o estilo das pessoas de Luanda, mas também por como você é, entende o que eu quero dizer? Seu cabelo, suas roupas..., mas tem algo mais além disso, algo sobre *ser* e *estar* que é difícil precisar” (Entrevista nº 75). *Ser* e *estar* são verbos em português que correspondem ao *to be*, e que não têm tradução literal no inglês. *Ser* é ser existencialmente, imutavelmente: *sou* sul-africana (e *me sinto* sul-africana no sentido das “comunidades imaginadas”).<sup>48</sup> *Sou* mulher – no meu caso, isto não é uma flutuação, embora pudesse ser. Tenho algumas crenças fundamentais que *poderiam* mudar, mas provavelmente não irão, e por aí vai. Nada é completamente fixo, mas essas são coisas que presumimos que não mudarão. *Estar* é muito mais transitório: estou com calor, estou com fome, estou feliz, ou mal-humorada, ou cansada – mas isso passará.

Flávia sabia o que eu queria dizer, embora ela tenha conseguido explicar muito melhor que eu. Ela disse que era importante que, como uma mulher negra<sup>49</sup> traba-

---

complexas, quando a maior parte das pessoas sabe que ser pobre é ter pouquíssimas escolhas, e ser rico é ter muitas escolhas, e que o resto é em grande parte contingente ao contexto. Eu acho que eles estavam certos de chamar minha atenção dessa forma, então estou usando a definição deles aqui. Rosemary de Moor, Ahmed Konneh, Liz Mwangi e Yasmine Eladib – seus argumentos foram bem aceitos.

48 Anderson (1990).

49 Definições raciais são categorias culturalmente construídas em qualquer lugar do mundo e, em Angola e no Brasil, raça possui histórias muito particulares definidas, em grande medida, pelas formas particulares do colonialismo português. Os portugueses eram muito mais abertos às “miscigenações raciais” que outras potências europeias (quase sempre significando homens portugueses estuprando mulheres africanas ou sul-americanas), e em Angola os descendentes dessas uniões vieram a formar um estrato da elite conhecida como os “crioulos”, que ainda dominam certas esferas da sociedade angolana hoje. No Brasil, por contraste,



lhando como médica no Brasil, ela não apenas estava imaculadamente trajada, mas a *sensação* que ela dava era de “esplendor”. Ela conseguira isso, dizia, por meio de sua escolha de perfume. Em suas palavras:

Eu adoro perfume. O que eu mais gosto, talvez os cinco que eu tenho agora e gosto de verdade são Nina Ricci, Carolina Herrera, Fantasy, da Britney Spears, que é parte da sua linha mais barata, Paco Rabanne, e eu também gosto do Del Pozo, Jesus, *In Black*, que são masculinos, mas eu gosto muito, e daquele mais barato que se chama *Midnight*, e também do Calvin Klein. E eu tenho alguns daquela outra linha da Britney. Ah, são mais de cinco, mas tudo bem. E eu também gosto de colônias e cremes hidratantes. E eu uso Victoria Secret às vezes, quando preciso de um mais barato. Eu compro tudo no *duty-free*, ou peço pra outras pessoas comprarem pra mim quando elas viajam. A maior parte dos produtos bons vêm da Europa, embora os EUA tenham coisas boas também.

Eu tenho um cheiro [em mim] a todo momento do dia. Eu uso os mais baratos, colônias, para dormir, para tomar banho, na academia. Eu tenho perfumes para trabalhar. Os mais caros, é claro que eu guardo para sair à noite (Entrevista nº 75).

A coleção de perfumes de Flávia, ela estimava, valia algo em torno de US\$ 3.000, uma soma considerável dada a sua vida como estudante de pós-graduação com uma bolsa do governo brasileiro. (Como muitos outros, sua graduação fora financiada com uma bolsa da fundação filantrópica privada do então presidente de Angola, a Fundação José Eduardo dos Santos [FESA]). No início, pensei que ela era um caso excepcional a este respeito, mas quando questionei outros interlocutores, homens e mulheres, a maior parte possuía grandes – mesmo que nem sempre tão

---

a vasta maioria da população se identifica enquanto algum tipo de mestiço, e há um diálogo popular nacional para a inclusão racial e a democracia. Nas últimas duas décadas, entretanto, este diálogo foi interrompido. Evidências irrefutáveis mostraram que a polícia discrimina profundamente a população negra baseada em preconceitos de identidade racial, nos quais quanto mais escura for a pele de alguém, maior é a probabilidade de a pessoa levar um tiro. O privilégio é largamente relacionado às peles claras. A riqueza também pode ser antecipada, em certa medida, pela cor da pele, revelando, assim, violências estruturais e de nível individual. Para Flávia, reconhecer sua identidade racial indicava uma consciência do preconceito com o qual ela teria que se defrontar no mundo do trabalho. Ela não estava só: muitos angolanos explicavam que para não serem considerados trabalhadores brasileiros, eles precisavam vestir-se e comportar-se de uma forma que mostrasse exageradamente o pertencimento às classes médias e altas – muito semelhante à forma como Claude M. Steele descreveu em seu livro *Whistling Vivaldi: how stereotypes affect us and what can we do* (2011). As literaturas que elaboram esses temas pertinentes à raça no Brasil e em Angola podem ser encontradas na seção Sugestões de leitura. Os trabalhos de Roberto Kant de Lima (violência policial no Brasil), Edward E. Telles e Peter Fry (raça no Brasil) e Jacopo Corrado e Ricardo Soares de Oliveira (raça em Angola) são de particular relevância.

caras – coleções de fragrâncias, e muitos falavam sobre como eles passavam camadas de perfumes diferentes para criar assinaturas olfatórias únicas. Celestino – um amigo próximo de Flávia – trabalhava na indústria musical brasileira. Ele explicava que, em geral:

Os homens angolanos são muito vaidosos, mas vaidosos no bom sentido, não no sentido arrogante, mas no sentido de gostar de roupas boas. E perfume é primordial em Angola. Nós consumimos muito lá! A gente se autoafirma através do cheiro. Eu tenho um amigo que usa um vidro de perfume inteiro em vinte dias! Ele acaba tão rápido porque ele quer ser o homem mais cheiroso do pedaço a todo momento – e no Brasil não é assim. Talvez um ou outro homem vai ter esse hábito, mas é muito raro, muito raro encontrar um homem brasileiro que cuida tanto de si mesmo. Eles – os homens brasileiros – são muito mais simples (Entrevista nº 106).

A esposa de Celestino e, na verdade, muitas outras amigas mulheres frequentemente reclamavam da vaidade de seus maridos e como sua busca por bons perfumes consumia grande parte do orçamento familiar. Não obstante, a “prática” do uso começa desde a juventude. Celestino, como Flávia, cresceu em Angola, mas parte da família vivia no exterior e frequentemente mandavam presentes ao garotinho, inclusive perfumes. Ele se mudou para o Brasil ainda adolescente, e me disse que ele sempre usava perfume para ir para a escola, como seu filho de quatro anos de idade agora também fazia regularmente. O garotinho de Celestino já havia adquirido uma sensibilidade ao perfume que, para ele, mais tarde provavelmente tornaria-se uma parte inquestionável de sua identidade, enquanto aqueles que começavam a usar perfume tardiamente na vida precisariam aprender a equilibrar os diferentes tipos de aromas. O perfume de Celestino, como uma criança migrante na sala de aula no Rio de Janeiro no início dos anos 1990, causou, a princípio, alguma consternação, e ele disse que até os professores paravam a aula para dizer “Ei, que cheiro bom é esse? ‘Ah, é o angolano’. Eles me chamavam de ‘o angolano’ para não me respeitar falando meu nome, isso me deixava doido”, ele explicou.

O perfume marcou Celestino como diferente e globalizado desde a infância, mas o que realmente o perturbava era que os brasileiros frequentemente não o respeitavam ao não o chamar pelo nome. Muitos angolanos vieram ao Brasil durante a guerra enquanto refugiados e geralmente viviam nas partes mais pobres de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Como quase todos haviam servido nas forças armadas angolanas, eles eram conhecidos por serem bons com armas e foram rapidamente cooptados pelas gangues dessas cidades (Entrevista nº 89). Assim, “angolano” era um termo com conotações negativas, e seu uso levava Celestino a

associá-lo ao preconceito relativo à percepção racial e negava suas sensibilidades de classe. Essa prática ecoava a longa história de discriminação baseada na escravidão e na ocupação colonial que moldou o Brasil tanto quanto moldou Angola,<sup>50</sup> mas ilustra as especificidades dos momentos em que uma criança angolana de pele negra interage com a sociedade brasileira. De fato, muitos angolanos residentes no Brasil pontuavam com muita ênfase que eles “aparentavam ser diferentes” (e cheiravam diferente, como o exemplo de Celestino ilustra) dos brasileiros negros, declaradamente para evitar abuso por parte de policiais. Em uma passagem mais leve, quando perguntei à Flávia se ela namoraria um brasileiro, ela gritou horrorizada: “você está doida?!” , respondeu. “Os homens brasileiros têm o cheiro *terrível!*” (ênfase dela, Entrevista n° 75).

As experiências de Flávia e Celestino com perfume representam, de muitas formas, o ideal daqueles em ascensão social na sociedade angolana. Suas infâncias foram marcadas pelas visitas frequentes de parentes de fora de Angola, que traziam consigo não apenas bens de consumo básicos considerados necessários para a existência da classe média (itens domésticos como chaleiras, roupas, alguns tipos de comida como chocolates suíços ou frutas secas), mas também perfume. Este último ungia tanto Flávia quanto Celestino enquanto diferentes de seus pares, e os preparava para suas vidas de mobilidade social ascendente.

É importante ter em mente que, durante a guerra civil (1975-2002), as cidades angolanas lutaram desesperadamente para lidar com o afluxo de deslocados forçados internos, bem como com a manutenção urbana, como a eliminação do lixo.<sup>51</sup> Logo após o início da guerra, as cidades começaram a feder, de forma que aquilo que os planejadores urbanos entendem como “odor neutro”<sup>52</sup> raramente era alcançado. Traços dos odores dos ônibus, mercados e de outras pessoas permaneciam no corpo, marcando os movimentos das pessoas pelos espaços geográfico e social, de forma que aquilo a que as pessoas recendiam emergiu como algo de importância vital. Os parentes de Flávia e Celestino garantiam que qualquer um que sentisse uma lufada de seus cheiros soubesse que essas eram crianças conectadas a um mundo particular – da mesma forma que Nina Ricci deveria fazer com meus alunos em Lobito.

Controlar o ar, as fragrâncias e o sentido de si mesmo que era absorvido pelas outras pessoas era uma forma de gerenciar a “ontologia atmosférica” e proativamente envolver-se com as experiências dos outros. Esta seção mostrou como, em ambos os lados do Atlântico, os cheiros eram moldados pelas normas culturais

---

50 Alencastro (2000).

51 Cardoso (2015), Gastrow (2015), Tomás (2014).

52 Henshaw (2014), Quercia et al. (2015).

que, por sua vez, eram profundamente embebidas em processos históricos, bem como agiam como infraestruturas que habilitavam ou colidiam com projeções individuais. A seção seguinte procura construir sobre esses processos, explorando como aspiração e autenticidade eram comunicadas e testadas primordialmente por meio do cheiro.

## CLASSE, PERFUME, SONHO: ASPIRAÇÃO E AUTENTICIDADE

Celestino e Flávia estavam bem estabelecidos no Brasil e, como suas histórias de vida mostram, eles haviam sido criados com capital social e financeiro para ter sucesso enquanto migrantes e consolidar um status de classe já existente. Para outros, entretanto, era muito mais complicado. Uma coisa é fazer o que te ensinaram, mas o que acontece se essas habilidades não forem ensinadas desde o nascimento? Por exemplo, como alguém como Victoria (sua mãe era professora, oito irmãos mais novos, seu pai havia morrido) adquiriria tanta intimidade com perfumes caros? A resposta, disseram-me, era simples: era por meio do *duty-free*. No *duty-free* era possível comprar perfumes por um preço muito menor que nas butiques locais, e usá-los depois comunicaria aos outros que se era *globalizado*, tinha meios para viajar deste modo, sendo bem informado sobre o mundo. Deixe-me ilustrar isso etnograficamente:

Voltando do Brasil para Angola para o segmento final de meu trabalho de campo, eu chegara cedo para meu voo do Rio de Janeiro para Luanda. Na fila, conheci uma mulher por volta de quarenta anos, Joyce, viajando com sua *caçula* (Registro de Campo 141130). Joyce trabalhava como caixa de supermercado em Luanda e naquele dia ela realizaria o segundo voo de sua vida – o primeiro havia sido sua chegada ao Brasil algumas semanas antes. Ela explicou que ela havia vindo visitar sua filha, coincidentemente colega de classe de Flávia na faculdade de medicina. Ela chegara cedo para seu voo de volta para garantir que teria tempo para comprar perfumes para seus filhos gêmeos no *duty-free*. “Quais perfumes?”, eu perguntei. Ela disse que não importava, o que importava era que fossem do *duty-free*. Banhados com perfumes do *duty-free*, ela explicou, seus garotos seriam constantemente lembrados da vida que os aguardava se eles se mantivessem longe de problemas e trabalhassem duro – da mesma forma que sua irmã mais velha.

O Brasil é um país caro e, ao fim de sua viagem, o orçamento de Joyce estava apertado. Ela encontrou, afinal, dois vidros de colônia em oferta, US\$ 25 cada um, e comprou-os para dar de presente. “Agora, as pessoas os perguntarão por que cheiram tão bem, e eles poderão explicar que eles têm uma irmã estudando medicina no Brasil, e que sua mãe foi visitá-la”, ela disse com satisfação, puxando gen-

tilmente sua filha de quatro anos para longe dos ursinhos de pelúcia em exposição à altura dos olhos da criança (Registro de Campo 141130).

Para Joyce, o valor do perfume não residia apenas na substância propriamente dita, mas também nos tipos de interações sociais que ela possibilitaria. Quando seus filhos adolescentes se deparassem com a reação dos outros aos seus perfumes, eles seriam levados a descrever as relações familiares de mobilidade social ascendente e articular ligações substantivas a um mundo de educação superior global e viagens de avião. O cheiro era tanto algo a ser apreciado em si mesmo quanto para lembrá-los de ficarem longe de problemas, inspirá-los a trabalhar duro e conservá-los focados em seus objetivos acadêmicos. Era para ser um unguento de boa influência que comunicava com os interlocutores dos garotos sem que eles nunca precisassem abrir a boca.

No caso dos gêmeos de Joyce, o cheiro era para comunicar algo positivo que lhes abriria oportunidades, mas também poderia fazer o exato oposto. Aqui, vale a pena considerar o caso de um homem que chamo de Aníbal que vivia em Luanda, mas cujo irmão era parte do mesmo círculo social da filha mais velha de Joyce no Brasil (ou seja, estudantes universitários angolanos com bolsas de estudo no Rio de Janeiro). O próprio Aníbal havia se formado recentemente em uma prestigiada faculdade de direito de Luanda. Entretanto, em nossa conversa por telefone antes de nos encontrarmos, ele me disse que um ano após se graduar estava tendo dificuldades para conseguir um emprego.

Visualmente, Aníbal era o retrato do novo sucesso angolano: alto e forte fisicamente, com roupas muito bem passadas, sapatos muito polidos e um grande sorriso. À medida que ele se aproximava, no entanto, me encontrei quase recuando em razão de seu cheiro – uma experiência tão tabu nas ciências sociais que meu instinto foi congelar completamente. Ignorei minha reação interna e não a deixei transparecer em meu rosto ou em minha linguagem corporal, e passamos uma tarde agradável juntos. Prometi passar suas credenciais profissionais adiante para as poucas pessoas em minha rede de contatos que eu acreditava poderem ajudá-lo. Eu, no entanto, sabia muito bem que, a menos que ele mudasse seu cheiro, seria bastante improvável que ele conseguisse um emprego. Eu considerei questioná-lo a respeito, mas mudei rapidamente de ideia – obviamente, pensei, isso seria muitíssimo rude, então não disse nada.

Enquanto eu escrevia minha dissertação na Califórnia mais de um ano depois, a experiência continuava a me incomodar. Por que ninguém havia simplesmente falado para Aníbal sobre seu cheiro? É claro que as pessoas notavam. Eu sabia, pelo Facebook, que ele continuava desempregado, e o custo disso incidia de maneira muito pesada sobre ele e sobre sua família. Eu escrevi um e-mail para Victoria para perguntar-lhe o que achava, e sua resposta vale ser reproduzida:

[10 de fevereiro de 2015, 10:35]

[Assunto: Cheiro]

[De: victoria@enderecodeemailimaginario.com]

[Para: jaerbach@estudantedeposgraduacao.com]

Existem duas razões pelas quais ninguém disse a ele o que está acontecendo. Primeiro, é preciso ser um amigo muito próximo para dizer a alguém que ele está cheirando mal, pois as pessoas ficam realmente ofendidas. Mesmo membros da família não falam nada às vezes, nós aprendemos aqui a ser muito cuidadosos com as palavras, você sabe. Frequentemente nós preferimos fazer comentários pelas costas ao invés de dizer a verdade na cara da pessoa. E a outra razão é porque talvez ele não se cuida direito, ou, por conta de sua casa, ele *não consegue* se cuidar direito, como, por exemplo, sem água corrente. Talvez alguém disse a ele [que ele cheira mal], mas ele não sabe o que fazer, ou tentou coisas que não deram certo. E aí pode ser que ele só não tenha os hábitos ou os recursos para comprar as coisas necessárias para ficar limpo. Como você disse, ele não estava trabalhando [e, então, não tem salário algum]. Tudo se resume a autocuidado e higiene, que é muito importante em Angola.

Alfred Gell é um dos antropólogos mais importantes a ter escrito sobre perfume. Em seu famoso ensaio intitulado *Magic, Perfum, Dream*, ele escreve: “nós não descobrimos o significado de um determinado cheiro distinguindo-o de outros cheiros (nós não possuímos meios independentes de codificar tais distinções), mas distinguindo os contextos nos quais cheiros particulares têm um valor típico”.<sup>53</sup> O e-mail de Victoria nos relembra precisamente isso: o cheiro é importante e tem consequências, mas o contexto é crucial para determinar como as pessoas comunicam isso e, em Angola, como em muitos outros lugares, dizer a alguém que ele está fedendo torna improvável o fortalecimento de uma amizade, a menos que isso seja feito de maneira muito particular e nuançada.

O segundo ponto para o qual quero chamar atenção é o simples fato de que a limpeza é dispendiosa. Aníbal vivia em uma casa dentro de um dos maiores *musseques*, ou ocupações informais, de Luanda. Não havia nem água corrente, nem eletricidade, e sete pessoas moravam em uma casa de três quartos – somente um possuía emprego. Para alguém que cresceu em uma casa com água corrente, ele-

---

53 Gell (1977, p. 27).

tricidade e fornecimento abundante de pasta de dente pode ser difícil lembrar que, para muitas pessoas, um desodorante pode ser considerado um item de luxo. Entre isso e uma refeição para duas pessoas, honestamente, qual você escolheria?

Muitas de nossas memórias mais profundas – tanto as positivas quanto as negativas<sup>54</sup> – são guardadas nos cheiros, e cruzar novamente com esses cheiros pode desencadear reações emocionais poderosas. Dra. Daniella era uma professora universitária que, como o irmão de Aníbal e a filha de Joyce, graduou-se no Brasil com uma bolsa de estudos do governo. Ela retornou a Lobito e rapidamente galgou posições na universidade local e no setor de negócios, recebendo promoções atrás de promoções e abrindo diversos “negócios paralelos” que geraram uma renda significativa. Pequena em estatura, ela usava saltos muito altos, e combinava um charme fácil com uma vontade de aço.

Certa noite, depois de jantarmos em sua casa, ela me mostrou a caixa onde guardava sua coleção de perfumes. Com aproximadamente trinta centímetros quadrados e oca, ela guardava uma ampla variedade de pequenas garrafas de vidro colorido. Levantando cada uma ternamente e cheirando algumas delas, ela explicou:

Eu me lembro de todos eles. Teve uma época que eu colocava uma etiqueta no fundo de cada um com sua história, mas, agora, a maioria já caiu. Eu sempre deixo um restinho, assim eu consigo continuar cheirando e o cheiro me leva rapidamente de volta. Por exemplo, esse aqui foi o que eu usei quando eu comecei a trabalhar no [...]. E esse [uma garrafa verde, longa e delgada] foi presente do meu primeiro namorado, e esse aqui foi o que eu usei quando fui para o Brasil; é Boticário. Esse aqui é o que eu usava quando fazia estágio no Brasil, tentava ganhar dinheiro. Eu não tinha nada, então é bem barato. E esse aqui é o mais caro, Coco Chanel! Ah, naquele tempo eu era muito rica, e pensei “deixa eu comprar esse aqui!”. Esse eu usei quando tive meus primeiros clientes no meu negócio, uns chineses. E esse aqui é o que eu estou usando agora, mas ele está quase acabando, eu vou comprar outro. Sim, eu uso perfume todo dia, mas só de manhã. Eu só passo uma vez ao dia (Registro de Campo 141206).

A insistência da Dra. Daniella em sublinhar que passava perfume apenas uma vez ao dia era uma reação ao notável consumo de perfumes que ela aferia ao seu redor. Ela, como outros, avisara-me a não levar muito a sério alguém que tivesse um cheiro *muito* forte (ou se vestisse *muito* bem, ou dirigisse *muito* bem), pois, frequentemente, aquela pessoa poderia estar gastando “todo o seu salário naquilo

---

54 Marks (2008).

enquanto vive em um barraco e não tem nem comida em seu armário” (Registro de Campo 141206). Dra. Daniella era uma profissional ocupada e organizada, e queria cheirar bem, mas não tão bem a ponto de ser considerada frívola ou tornar-se vítima da objetificação masculina. Era um fio tênue, ela explicava rindo, mas as pessoas que a encontraram saberiam que ela não era nem pobre, nem ignorante, que suas condições de vida eram boas, mas que ela também não era nem vaidosa, nem vazia, e certamente não era o tipo de mulher que iria atrás de algum homem por dinheiro, especialmente – ela discorria, revirando os olhos – se ele fosse *estúpido*. O odor, para ela, comunicava, então, aspectos do caráter que eram ligados à moralidade, ao bom gosto, ao discernimento e a valores internos. Essas qualidades, entretanto, só seriam notadas se nos atentássemos àquilo que era sutil: fosse o odor excessivo ou quase inexistente, poderia se correr o risco de atrair alguns tolos.

O que as experiências de Joyce, Aníbal e Dra. Daniella coletivamente tornam apreensível é a importância do cheiro enquanto um componente da mobilidade social ascendente – seja aquela que a possibilita, ou aquela que potencialmente a limita. Onde os odores mantêm a memória, eles também capturam, de forma sutil, o poder do sonho e da aspiração, sejam tangíveis ou intangíveis. Fazer uma pausa por um momento para imaginar uma futura casa ideal, perguntar-se “qual vai ser o cheiro dela?”, provavelmente revela mais do que perguntar-se “de quais cores serão as paredes?”, precisamente porque os aromas repousam no limite entre o interno e o externo, entre o corpo e o mundo que o circunda. Evocar novos futuros usando produtos aromatizados também era convidá-los: para dentro de seu corpo e de sua casa, aprender a usá-los bem e comunicar a mensagem de uma forma eficaz, de modo que o sonho se traduza do que era singular para o que foi compartilhado.

O trabalho de campo nos ensina muito, e houve muitas coisas que eu aprendi em Angola que eu não poderia ter antecipado. A importância do cheiro foi, provavelmente, a mais significativa. Antes de eu chegar a Angola, eu havia lido sobre classe, mobilidade social e história lusófona, mas não havia lido quase nada sobre cheiros. Isso significou que quando eu comecei a aprender sobre cheiros com meus interlocutores, não possuía um enquadramento teórico pré-existente no qual alocar o que eu estava observando. Isso tem prós e contras: prós, porque significava que minha mente estava aberta e desenviesada pela literatura, mas contras porque eu não havia lido outros estudos sobre cheiro e, dessa forma, não tinha certeza sobre como transformar minhas observações e intuições em perguntas que levassem aos dados – particularmente porque pensar, falar e escrever sobre odores corporais pode ser bastante delicado.

Eu pude me empenhar naquilo que Clifford Geertz<sup>55</sup> chamou de “descrição densa”, pois minhas anotações eram detalhadas e precisas e me permitiram desvendar

---

55 Geertz (1973).



histórias sociais inteiras a partir de alguns eventos particularmente ricos (como demonstrado anteriormente). Isso dito, não pensei em perguntar pelos vocabulários locais do cheiro – incluindo palavras como *catanga*, que significa um terrível fedor corporal – até o fim do meu período de trabalho de campo e, como resultado, meus dados apenas arranham a superfície do que poderia estar (e, espero, um dia estará) escrito neste tópico. Atentei-me quase exclusivamente aos perfumes, sabonetes e cremes enquanto estive pesquisando, mas o perfume é apenas um aspecto do cheiro (tanto em Angola como em outros lugares), e há todo um arcabouço de linguagens, práticas e substâncias que adentram o ensino às crianças sobre como “ter o cheiro certo”, ou gerenciar a adolescência e as mudanças que ocorrem nesse período, ou controlar a reação do corpo ao clima e aos contextos. Meu trabalho endereçou apenas parcialmente, e isso não está registrado aqui.

Focar nos perfumes era algo tão divertido quanto focar na identidade da classe média, pois a maior parte das pessoas aprecia falar do que é bom, do que as faz sentirem-se bem, daquilo em que elas encontram um sentido de autoafirmação (voltando ao Celestino, já citado). Isso posto, era muito mais difícil perguntar, escrever ou até pensar sobre cheiros ruins neste contexto, em parte porque essa era uma das ocasiões em que minha identidade branca tornava-se bastante importante. Há uma longa história de pessoas brancas insinuando que pessoas não brancas não apenas tinham cheiro diferente, mas fediam, e esse fedor originava-se da falta de asseio. E, porque “limpeza é próxima de bondade”, pessoas não brancas eram, dessa forma, menores, de alguma forma,<sup>56</sup> e eu descobri que eu precisava ser extremamente cuidadosa.

O cuidado e a sensibilidade durante o trabalho de campo estavam manifestos em fortes relacionamentos essenciais, nos quais questões relevantes sobre raça, classe e religião tinham sido endereçadas diretamente por meio do diálogo, e nos quais eu sentia que a pessoa me conhecia tão bem quanto eu a conhecia – que nós havíamos construído vínculos para muito além do trabalho de campo e da pesquisa. Victoria e Dra. Daniella eram ambas interlocutoras-chave (fora dos contextos acadêmicos, eu as chamo simplesmente de amigas). Nós construímos confiança e podíamos explorar confortavelmente assuntos que, com frequência, eram tabus – como, por exemplo, chulés, ou como lavar as axilas, ou por que ninguém havia dito para Aníbal sobre seu odor corporal.

O e-mail de Victoria sobre Aníbal, parcialmente reproduzido anteriormente, incluía outros detalhes e sugestões interessantes que eu não posso compartilhar aqui em razão do contexto: a relação de confiança entre leitor e escritor é relativamente frágil, e a oportunidade para explicações posteriores é quase nula (mas

---

56 Cf. Burke (1996), McClintock (1995).

sinta-se à vontade para entrar em contato por e-mail, ou me procure no Twitter: @jess\_auerbach). Estou ciente de que esta é uma área que pode ferir suscetibilidades – com justificativa histórica – e onde esse livro adiciona mais uma ocorrência de pessoas brancas escrevendo sobre pessoas não brancas. Se o cuidado não é transposto para a escrita, estereótipos negativos podem ser sutil e facilmente reforçados, e este certamente não é meu objetivo.

Ainda assim, cheiros são tão complicados – e tão subjetivos e culturalmente codificados – quanto cores, texturas, sabores e sons e, de forma a lhes fazer justiça, peço aos leitores que reflitam sobre *todos* os cheiros: os bons, os ruins, os feios e os bonitos e, nessa exploração, leve em consideração as nuances da história, das mercadorias (i. e., desodorantes: Onde eles são fabricados? Quem lucra com eles? Quem decide o que conta como um cheiro “bom”? Onde as latas vazias são jogadas?). Terminarei este capítulo com uma citação de um romance chamado *Créole*, no qual o autor angolano José Eduardo Agualusa explora a vida de um homem chamado Fradique, que viajou pelo mundo lusófono no ápice do Império Português no século XIX. Minha esperança é que essa citação, e tudo que a precedeu, inspirará um questionamento daquilo a que Lalaie Ameeriar<sup>57</sup> se referiu como “sensório sanitizado”, no qual apenas um número limitado de cheiros são considerados culturalmente aceitos ou mesmo passíveis de estarem presentes em uma conversa, no contexto da sociedade euro-americana do capitalismo tardio. Introduzindo o personagem principal de seu romance, Agualusa escreve:

Tudo sobre [Fradique] rescendia a um odor estranho, morno e doce tão intensamente, que uma das moças [angolanas] correu cobrindo o nariz. “Selvagem!”, o jovem Arcénio gritou após ela passar. “Esse perfume vem da França!” Naqueles tempos, a noite de Luanda costumava ter o cheiro de *jinguba*, a planta do amendoim, pois daquela planta vinha o óleo que usavam para iluminar as ruas. Fradique costumava dizer que as cidades, como as mulheres, poderiam ser reconhecidas pelos seus cheiros. Os portos da África Ocidental Francesa tinham um forte cheiro de cebolas fritas na manteiga (ele dizia), uma mistura que os jovens esfregavam em seus corpos como perfume; o Rio de Janeiro cheirava a goiabas maduras, Lisboa a sardinhas, manjeriço e membros do parlamento. Como Arcénio de Carpo (o mais velho) lembrava, no sul de Angola, entre os *cuambatos*, as mulheres esfregavam seus cabelos com esterco de vaca, o que, para elas, é considerado uma das fragrâncias mais delicadas.<sup>58</sup>

57 Ameeriar (2012, 2017).

58 Agualusa (1988, p. 132-133).

**Por que isso importa? (cheiro)*****Sistemas de conhecimento***

Sistemas globais de conhecimento existem quase que exclusivamente em inglês a partir de várias perspectivas de mundo. O texto deixa explícito o impacto não apenas dos sistemas de conhecimento socialistas e capitalistas, mas daqueles do mundo falante de português, no qual música, novelas, moda, Wikipedia e publicações acadêmicas continuam a circular entre aproximadamente 260 milhões de falantes ao longo de rotas mapeadas pela primeira vez pela navegação no século XV, que deixou traços de vários tipos, incluindo olfatórios. Ele nos provoca a perguntar não apenas “o que é conhecido”, mas também “*como* algo é conhecido”, e a forma como tal conhecimento impacta a compreensão individual e coletiva do *self* e da comunidade. Isso nos compele a um envolvimento com a ontologia (como nós somos) e a epistemologia (como nós conhecemos), mergulhando de maneira muito mais profunda do que um simples reconhecimento do porquê, na era da liberdade de internet, nós também temos notícias falsas. Nos tempos recentes, a contestação de tais sistemas ocorreu usando o termo “decolonialidade”. Este livro sonda, como um todo, o que decolonialidade pode significar nesse contexto; esse capítulo faz isso por meio da atenção aos cheiros do corpo: sua aceitação, seus disfarces, suas mensagens e suas interpretações.

## **REGISTRANDO O TRABALHO DE CAMPO: NOTAS, OBJETOS, OBSERVAÇÕES ESTRUTURADAS DO ESPAÇO**

Como os pesquisadores registram? Registros de campo são intensamente pessoais, e existem muitas formas de armazená-los. Como expliquei nesta seção, usei cadernos de papel, meu celular e notas de voz como meus meios primários de compilação, complementados por milhares de fotografias (tiradas majoritariamente em meu celular, mas também com uma câmera) e objetos materiais. Aqui, compartilho três métodos que utilizei para registrar o trabalho que compreende este livro: primeiro, as notas – fotografadas por uma câmera instantânea e captura de tela – da forma como são feitas no dia a dia; segundo, objetos; e, finalmente, detalhes sobre um espaço específico onde conduzi a pesquisa, a academia.

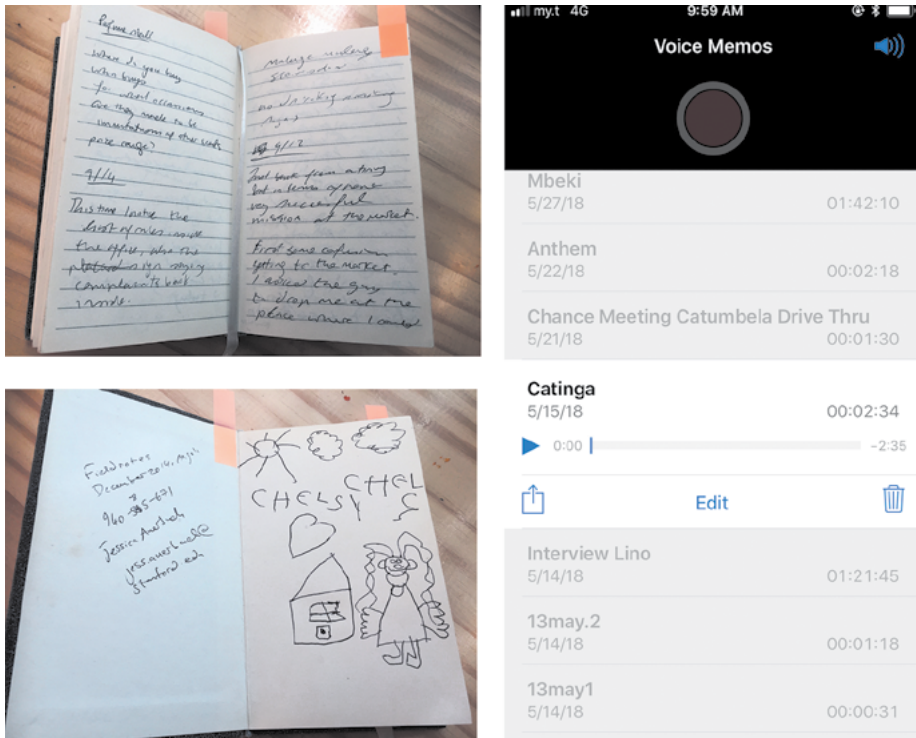
### **NOTAS**

As fotografias na Imagem 3 mostram os registros de várias conversas diferentes. No topo, está uma fotografia de detalhes do Caderno V, registrando parte da Entrevista nº 30, Benguela. Durante a entrevista, a pessoa com quem eu estava

conversando me apontou uma edição particular do “Diário da República” – uma gazeta diária produzida pelo governo registrando procedimentos e anúncios importantes (neste caso, sobre o sistema bibliotecário nacional). Na página da direita está parte da história de vida de uma pessoa rabiscada à mão enquanto eu a ouvia e digitada em detalhes imediatamente depois, em grande parte já traduzida para o inglês e catalogada com palavras-chave.

No canto inferior esquerdo está a primeira página do meu caderno de campo final, que eu mantive em dezembro de 2014. O caderno tem meu nome, meu número de telefone angolano e meu endereço de e-mail da pós-graduação à esquerda, caso eu o perdesse. Muito mais interessante que isso é o desenho feito por uma criança chamada Chelsy. Enquanto escrevia em 2018, eu não me lembrava de forma alguma de quem era Chelsy, nem de como ou porque ela havia desenhado em meu caderno. Nesses casos, normalmente eu fazia uma nota de esforços colaborativos – escrevendo acima do desenho para contextualizar –, mas, neste caso, eu não fiz isso. Não obstante, seu registro de nossa relação é muito claro. Algumas páginas depois, no mesmo caderno, há questões relativas a perfume, uma preparação para discussões que eu planejava ter com vendedores de perfume.

Finalmente, incluí uma captura de tela do meu celular durante a minha mais recente viagem a Angola, em 2018. Lá estava eu, explorando de maneira muito mais consciente não apenas as fragrâncias, mas também os fedores, e tendo diversas discussões informativas sobre o assunto *catinga*. Após uma dessas discussões, parei na rua por um momento e gravei uma nota no meu telefone de modo que eu não esquecesse as nuances do que acabara de ser dito. Eu transcrevi essas notas depois. Na captura de tela, o hino apresentado no capítulo sobre o som também se faz visível: gravar sons como notas de voz foi frequentemente uma ferramenta importante para capturar nuances de maneira mais precisa, e era menos intrusiva que gravar vídeos (embora eu tivesse que ser mais ainda mais cuidadosa ao garantir o consentimento esclarecido, uma vez que as pessoas ao meu redor frequentemente esqueciam-se de que eu era pesquisadora sem os sinais visuais de um vídeo sendo gravado).



**Imagem 3** Canto superior esquerdo: páginas do caderno V. Canto inferior esquerdo: último caderno de meu trabalho de campo. Direita: capturas de tela dos registros de voz.

## OBJETOS

As ciências sociais dão tipicamente muita atenção ao que se chama de “cultura material” – ou, às vezes, “a história das coisas” (eu recomendo o documentário de 20 minutos no YouTube com o mesmo título).<sup>59</sup> Quando terminei meu trabalho de campo, doe a maior parte dos objetos que havia acumulado durante minha vida cotidiana – potes, lençóis, uma mesa plástica e por aí vai. Entretanto, escolhi manter uma caixa de sapatos cheia de coisas que representavam temas importantes do meu trabalho de campo e, em dezembro de 2018, enquanto escrevia este livro nas Ilhas Maurício, eu as coloquei sobre minha escrivaninha (Imagem 4). Minha pele começou a coçar imediatamente, o que sempre acontecia quando eu manuseava o perfume “Cobra”, e este texto foi escrito com um forte aroma dos objetos dessa caixa se apegando à madeira da mesa, à minha pele e ao meu

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9GorqroiqqM>. Acesso em: 15 fev. 2021. Cf. Fox e Sachs (2007), Harvey (2009), Miller (2005).

computador. Por meio da atenção a esses objetos é possível aprender uma gama de coisas – e passo brevemente por eles:

1. O vasilhame, agora vazio, do perfume Nina Ricci, descrito no capítulo anteriormente. A qualquer momento que sinto seu cheiro, sou transportada de volta para minhas salas de aula angolanas e para a companhia das crianças que ensinei lá.
2. Como em conferências em qualquer outro lugar do mundo, aquelas que ocorriam em Angola requisitavam que os participantes usassem credenciais de identificação. Essa foi a conferência onde apresentei meu trabalho a um público angolano mais amplo pela primeira vez.
3. Um perfume ligeiramente mais caro – *Pure Love* –, fabricado nos Emirados Árabes Unidos e comprado no mesmo dia em que comprei o perfume Cobra.
4. Zé era um aluno angolano que vivia no Rio de Janeiro que eu conheci muito bem. Ele não usava perfume, mas era totalmente obcecado com um creme em particular da Revlon – *Fire and Ice* – que, ele sentia, complementava o cheiro único de sua pele de maneiras poderosas. Sua fabricação havia sido suspensa, mas como agradecimento por sua ajuda durante minha pesquisa, eu consegui rastrear vários amostradores na fábrica da Revlon pela Amazon.com, e os enviei para ele no Rio. Eu guardei um simplesmente porque havia sido muito trabalhoso consegui-los e era um exemplo muito interessante da relação de um homem com seu hidratante.
5. Insignias de pano feitas em Portugal e importadas pelos Escoteiros de Angola como parte de seu uniforme.
6. No período do Natal de 2013, essas bonecas apareceram nas prateleiras dos supermercados angolanos. Muitos amigos expressaram felicidade ao finalmente verem bonecas negras em um espaço que, por muito tempo, só vendia bonecas com tons de pele caucasianos. Eu achei essa caixa fascinante: o texto, em inglês, diz *Happy Childhood*, e a figura propriamente dita remete a um estereótipo asiático.
7. Minha habilitação angolana para dirigir motocicletas foi datilografada à mão por uma mulher gentil que estava trabalhando no centro de documentação de Lobito desde o início dos anos 1960. Ela me explicou que essas habilitações eram impossíveis de falsificar porque a polícia conhecia as particularidades de sua máquina de escrever, que tinham entalhes e chanfraduras em letras específicas (Registro de Campo 131122).
8. Cartão de fidelidade do supermercado; cartão de acesso à academia; cartão de funcionária na escola onde eu lecionava – os códigos de barras tornavam-se um lugar-comum, e o trabalho na escola era regulado por seu escaneamento. Eu tinha que carregar meu Registro Nacional de Estrangeiro comigo para todo lugar onde eu fosse no Brasil. Ao contrário dos documentos angolanos, ele era

feito de plástico e desenhado para tornar falsificações mais difíceis (embora a datilógrafa de Lobito, no entanto, teoricamente cumprisse o mesmo papel).

9. O perfume Cobra, fabricado na China e comprado em Benguela em um mercado a céu aberto. A caixa não especifica onde foi fabricado (ou por quem), e muitos dos meus interlocutores me avisaram que seus químicos provavelmente eram tóxicos – algo que minha experiência ao manuseá-lo sugere quase certamente ser verdade. A 100 kwanzas (US\$ 1), era acessível para quase todo mundo. Os ingredientes não eram listados no vasilhame, e, sem uma análise laboratorial, é impossível saber o que o compõe.

10. O celular *laranjinha* era acessível para a maior parte dos angolanos (custa por volta de 2.000,00 kwanzas – àquele tempo, por volta de US\$ 20), e foi projetado por uma das maiores operadoras de celular (cuja dona era a filha do presidente) como o celular de entrada capaz de incluir quase todo mundo na rede. Não possuía nenhuma funcionalidade de *smartphone*, mas eu o usava como um telefone de reserva, virtualmente indestrutível e socialmente discreto.



**Imagem 4** (1) Vidro do perfume Nina Ricci comprado por 15 mil kwanzas. (2) Preletor: crachá de participação para conferência na Universidade Lusíada de Angola. (3) Perfume *Pure Love* comprado em um mercado de Benguela por 150 kwanzas. (4) Creme para Zé: *Fire & Ice*, da Revlon. (5) Insígnias dos Escoteiros de Angola para serem costuradas ao uniforme. (6) Boneca de plástico comprada em um supermercado no período do Natal de 2013. (7) Habilitação angolana para dirigir motocicletas. (8) Cartões pessoais do supermercado, da academia, da escola e da biblioteca em Angola, e Registro Nacional de Estrangeiro do Brasil. (9) Perfume Cobra comprado em um mercado de Benguela por 100 kwanzas. (10) Celular angolano básico.

## OBSERVAÇÕES ESTRUTURADAS DO ESPAÇO

A preocupação deste tópico é em como se *faz* a etnografia: como é observar um espaço? Aqui vai uma sugestão: construir uma grade sensorial de modo que os odores, e não a visão, sejam priorizados. O que eu construí descreve uma academia em Lobito onde costumava treinar frequentemente e onde conheci e socializei com aqueles que estavam fazendo seus corpos ficarem “em boa forma para a paz”, ou “adequados para a paz” (*fit for peace*). Essas notas foram escritas a partir dos meus cadernos de papel, da função “notas” do meu celular, de notas de voz que eu mesma gravei – como mencionado – e de séries de fotos que tirei (com permissão) na academia. Posteriormente, elas subsidiaram uma entrevista que fiz com o proprietário, que viera de um país que compunha a antiga União Soviética e casara-se com uma angolana que estava estudando no que hoje é a Rússia com uma bolsa de estudos criada ainda na era soviética (Entrevista nº 37). Também entrevistei o instrutor da academia (Entrevista nº 106), que havia aprendido o ofício sozinho assistindo a vídeos no YouTube da mesma forma que vários clientes da academia – muitos dos quais também pais de alunos da escola onde eu lecionava. Eu incluí isso aqui para dar início ao processo de questionamento do espaço por meio dos sentidos e para fornecer um modelo da ferramenta de forma que estudantes de antropologia possam usá-lo para “tornar o familiar, estranho”.<sup>60</sup>

---

60 Myers (2011).



	<b>Espaço A do andar de baixo</b>	<b>Espaço B do andar de baixo</b>	<b>Mezanino</b>
Ventilação	Dois ventiladores	Ar-condicionado	Um ventilador no canto, uma janela pequena.
O que há no espaço?	Sala dos pesos	Sala dos aparelhos	Sala dos exercícios aeróbicos (quando tem sessão); onde as pessoas se alongam e usam as bolas de Pilates.
Quem está no espaço?	Majoritariamente homens; a maior parte deles entre 17 e 30 e poucos.	Homens e mulheres misturados; algumas pessoas são mais velhas aqui.	Todas mulheres, exceto o instrutor da aula de aeróbica. Um espectro bem amplo de diversidade de vestimentas e tipos corporais. 17 pessoas no total – mulheres enfileiradas, instrutor na frente. Quando não há sessões, a sala é usada por gêneros misturados, mas muito mais mulheres que homens.
Hora do dia?	18 h	17h30	18h30
Qual é o cheiro?	Forte cheiro de suor. Apenas algumas pessoas parecem usar toalhas. Também cheira a hidrotônicos.	Cheiro também intenso de suor em alguns lugares. Plástico dos aparelhos. Elastano.	Borracha do revestimento do chão. Quando está ocorrendo aula, o cheiro de suor é opressor porque há apenas uma janela e um ventilador, ambos pequenos.
O que vejo?	Agrupamentos de estantes para pesos. Pessoas em grupos aglomeradas ao redor delas. Em um dos lados, halteres e cordas para pular. Espelhos em uma parede distante. Televisões exibindo clips musicais no mudo.	Fila de esteiras e duas bicicletas ergométricas; uma está quebrada. Espaço aberto para alongamentos, etc. Prateleiras de madeira nas paredes. Televisão exibindo clips musicais no mudo.	Pilhas de bolas de Pilates azuis. Pequenos halteres (1 kg) alinhados e steps de plástico no canto. Calças de elastano revelam todas as curvas (e alguns ângulos). Em cima da maior parte das calças de elastano, emerge papel filme (enrolar-se daquela forma supostamente potencializa a perda de peso). Durante as flexões, percebo que todo mundo usa unhas postiças.

(Continua...)

(Continuação...)

	<b>Espaço A do andar de baixo</b>	<b>Espaço B do andar de baixo</b>	<b>Mezanino</b>
O que consigo escutar?	Pessoas falando, pesos sendo levantados e soltos em cima do metal.	Som ritmado de pés nas esteiras com o murmurar de música ao fundo; música muda a depender da hora do dia. Geralmente batidas de kuduro, mas não sempre – às vezes, apenas MTV.	Mulheres grunhindo e ofegando (às vezes, grunhidos e suspiros vêm de mim). Instrutor gritando conosco para irmos mais rápido. Kuduro tocando muito alto.
O que estou tocando?	Geralmente pesos, ou partes dos aparelhos de musculação.	Nada em minhas mãos. Aparelhos para pernas.	As esteiras de borracha no chão, que geralmente deixavam pedacinhos em minhas mãos. Outras mulheres, porque o espaço é pequeno e encontrões acontecem com frequência.
Algo para sentir o gosto?	Meu próprio suor.	Meu próprio suor.	Meu próprio suor, mais goles d'água quando nos dão pausas de 3 minutos. Uma vez, eu caí e um pouco da borracha das esteiras entrou em minha boca. Eca.
O que eu deveria vestir?	A maioria das mulheres vestia shorts de basquete e tops. Algumas usavam calças de elastano.	Calças de elastano e tops.	Calças de elastano e tops.
Como as pessoas se comunicavam?	Muito trabalho em dupla, então as pessoas falam suavemente umas com as outras. Intervenções ocasionais pelos supervisores dos aparelhos.	Mais bate-papos casuais do que no primeiro espaço. Com frequência, as pessoas usam os aparelhos e mandam mensagens de texto pelo celular ao mesmo tempo.	Olhares de solidariedade entre as participantes. Mensagens de texto durante as (raras) pausas longas.
Questões para depois?	De onde os aparelhos vêm? Como é feita sua manutenção? Quando a maioria dos usuários começam a malhar dessa forma, e por quê? Quais são os empregos que as pessoas que vêm à academia têm? O que mais elas fazem em seu tempo livre?	A segunda bicicleta vai ser consertada um dia? Quais são os empregos que as pessoas que vêm à academia têm? O que mais elas fazem em seu tempo livre? Por que, ao invés de vir para cá, eles não vão correr na praia?	Por que o papel filme? O que faz as pessoas escolherem as aulas em grupo ao invés de malhar no andar de baixo? Qual é o modelo estético que as mulheres estão buscando? Há alguma diferença em sua origem em relação aos homens? (i. e., novelas brasileiras versus He-Man, ou algo assim?).